

Abril de 2022

112

BIODIVERSIDADE

SUSTENTO E CULTURAS



DEFENSORAS: A VIDA NO CENTRO

CARLOS VICENTE, SEMPRE

Número 112 abril de 2022

Biodiversidade, sustento e culturas é uma publicação trimestral da **Alianza Biodiversidad** orientada a informar e debater sobre a diversidade biológica e cultural para o sustento das comunidades e culturas locais. O uso e a conservação da biodiversidade, o impacto das novas biotecnologias, patentes e políticas públicas são parte da nossa cobertura. Inclui experiências e propostas na América Latina, e busca ser um vínculo entre aqueles que trabalham pela gestão popular da biodiversidade, da diversidade cultural e do autogoverno, especialmente das comunidades locais: mulheres e homens indígenas e afroamericanos, camponeses, pescadores e pequenos produtores.

Organizações coeditoras

Acción Ecológica

notransgenicos@accionecologica.org

Acción por la Biodiversidad

agenciabiodla@gmail.com

Anafae

octavio.sanchez@yahoo.com

Base-Is

mpalau@baseis.org.py

Campaña de la Semilla

de La Vía Campesina – Anamuri

internacional@anamuri.cl

Centro Ecológico

serra@centroecologico.org.br

CLOC-Vía Campesina

secretaria.cloc.vc@gmail.com

Colectivo por la Autonomía

erobles_gonzalez@hotmail.com

GRAIN

carlos@grain.org

Grupo ETC

grupoetc@etcgroup.org

Grupo Semillas

semillas@semillas.org.co

Red de Coordinación en Biodiversidad

rcbcostarica@gmail.com

REDES-AT Uruguay

biodiv@redes.org.uy

Comitê Editorial

Carlos Vicente, Argentina

Lucía Vicente, Argentina

Maria José Guazzelli, Brasil

Leonardo Melgarejo, Brasil

Fabián Pachón, Colombia

Germán Vélez, Colombia

Silvia Rodríguez Cervantes, Costa Rica

Henry Picado, Costa Rica

Camila Montecinos, Chile

Francisca Rodríguez, Chile

Elizabeth Bravo, Ecuador

Ma. Fernanda Vallejo, Ecuador

Octavio Sánchez, Honduras

Evangelina Robles, México

Silvia Ribeiro, México

Verónica Villa, México

Marielle Palau, Paraguai

Martín Drago, Uruguai

Administração

Lucía Vicente

lucia@biodiversidadla.org

Edição

Ramón Vera-Herrera

constelacion50@gmail.com

ramon@grain.org

Discho e y formatação

Sebastián D'Amen

sebastian_damen@hotmail.com

EDITORIAL**Sussurros para Carlos**

2

Defensoras: a vida no centro

6

Marcha Noticias y Acción por la Biodiversidad

A única coisa que fazemos é defender nossa água.**Não entendemos por que nos perseguem**

9

Acción Ecológica

Sementes e árvores

12

Verónica Villa (Grupo ETC)

Uma guerra contra o que nos divide

14

Leonardo Melgarejo

Diaristas!

16

Consuelo Pagaza, Valle de San Quintín, Baja California, México

Mulheres feministas em luta pela soberania alimentar em Caaguazú, Paraguai

20

Entrevista com Magui Balbuena, por L. García, março de 2022

Mulheres promovem escolinhas agroecológicas:**um sonho de dignidade coletiva**

22

María de los Ángeles Jiménez Solano, Vanessa Chaves Villareal, Yéssika María, Alfaro Araya

A foto de capa deste número nos mostra Avelina Ramírez, trabalhadora nos cultivos de San Quintín, Baja California, México, onde sofrem condições de trabalho que provocaram revoltas trabalhistas visando se proteger. A autora dessa foto e da série que mostra algo dos preparativos na madrugada dessas mulheres e desses homens em San Quintín, e que acompanha este número, é Consuelo Pagaza, que também colabora com um texto.

As fotos da apresentação dos desenhos para pedir e exigir anistia dos defensores da natureza no Equador foram tiradas por Iván Castaneira. As fotos da Costa Rica foram tiradas pelo grupo de Las Biritecas. As ilustrações das defensoras são de Ximena Astudillo.

As fotos que nos mostram vislumbres da vida de Carlos Vicente são de uso familiar e provêm de nossas próprias pastas e cadernos.

Agradecemos o apoio da Fundação, da Fundação Pão Para Todos e da Fundação Swift.

Agradeceremos sempre a Carlos Vicente por sua sementeira.

A tradução para português foi realizada pelo Centro Ecológico.

EDITORIAL

A foto mostra Esperanza caminhando entre as fileiras de ônibus, com seu bebê transportado em um carrinho para deixá-lo em um lugar seguro — geralmente com uma das companheiras de mais confiança —, antes de embarcar naqueles veículos que a levarão às lavouras, junto com homens e mulheres, para cumprir uma exaustiva jornada de trabalho. São 4 da manhã.

Como tantas outras mulheres do planeta, como tantas defensoras, com a vida no centro, Esperanza inicia a defesa da vida desde o mais íntimo da criação e da proximidade com seu bebê, e irradia cuidados ao seu redor, como ondas concêntricas, até estendê-la na organização política, em defesa de um emprego que tenha condições de trabalho dignas, justas, seguras e saudáveis. Desdobra seus cuidados pela proximidade com outras companheiras e companheiros, pela alimentação saudável, pelo ensino, pela formação, pela esperança, pela ajuda mútua, para a defesa, juntas, organizadas, contra os patrões, os capatazes, mas também contra o patriarcado, o machismo, o assédio e a violência.

Da mesma forma, Marcha Noticias e Acción por la Biodiversidad resumem aqui seu projeto “*Defensoras: la vida en el centro*”, que têm publicado na página da biodiversidadla.org, e que apresentam aqui para nos redirecionar para a página onde podemos ler os testemunhos completos, as entrevistas, com mulheres luminosas de todo o continente.

Neste número 112 de *Biodiversidade, sustento e culturas*, acompanhamos este dossiê muito importante com outras experiências, testemunhos e propostas: circulam assim reflexões e histórias do que está acontecendo no Paraguai, Costa Rica, Brasil, Equador e México, mas também em nível mundial, irmanadas que defende a vida, quem defendemos a vida, a vida a partir do centro.

Este número, o 112, ficará também marcando a partida terrena do nosso irmão, Carlos, Carlitos Vicente, que tendo partido está, e estará sempre, com a sua presença indelével, entre nós.

E no eterno retorno, inicia-se também um novo ciclo da revista, renovando o processo de desenhá-la e concebê-la, para o qual damos as boas-vindas a Sebastián Damen como designer, que colaborará para dar um rosto à nossa *Biodiversidade, sustento e culturas*.

Foto: Consuelo Pagaza



SUSSURROS PARA CARLOS

Com profunda dor, no dia 14 de março tivemos que nos despedir de Carlos A. Vicente. Queridíssimo colega e fundador da *Acción por la Biodiversidad*, membro indispensável da *Alianza Biodiversidad*, da organização internacional *GRAIN*, da *Plataforma Socioambiental* e da *Red Nacional de Acción Ecologista*, Carlos militou e lutou por mais de vinte anos por um mundo mais justo, onde as sementes e a alimentação digna para as comunidades sejam um direito garantido, onde a convivência e o respeito pela diversidade cultural e pela autodeterminação dos povos sejam moeda corrente.

De forma inesperada e sempre cedo, dizer adeus é difícil. Porque além de ser o fundador da nossa agência, dinamizador de múltiplos espaços de articulação, militante pela defesa dos bens comuns, cultivador de novos futuros e integrante do comitê editorial da revista *Biodiversidade*, também era parte de nossas vidas.

São muitos anos de trabalho coletivo, mas também daquelas pequenas coisas que o dia a dia nos dá. Presentinhos de férias, a capacidade de formar uma equipe, esperanças compartilhadas, orientação constante, abraços e conversas com mate pelo meio. Seu compromisso com um mundo mais justo percorria todo seu corpo e sua barba já grisalha. E ele nos contagiava com essa energia. Podemos dizer que cada um de nós que formamos a *Acción por la Biodiversidad* aprendemos quase tudo o que sabemos com ele e com as lutas que acompanhou. Por isso sua ausência é tão grande, pois nosso trabalho se completava com risos, debates, respeito e amor entre nós.

Aqueles que integramos a *Acción por la Biodiversidad* apoiaremos uns aos outros para poder sarar, apenas com um pouco da energia que caracterizava Carlos. Comprometemo-nos a continuar seu trabalho, em defesa dos bens comuns da América Latina e da articulação política com organizações e movimentos camponeses e socioambientais. Honrando suas ideias, caminhos, alegrias e sementeiras. Nós te amamos e sentimos muito a tua falta. *A equipe de Acción por la Biodiversidad*

Trim, trim... o telefone de casa toca num dia de novembro de 1996. Do outro lado do fone ouço uma voz com acentuado sotaque argentino, um murmúrio que se repetiria por mais de vinte anos. Naquela época ele se identificou como Carlos Vicente, me convidando

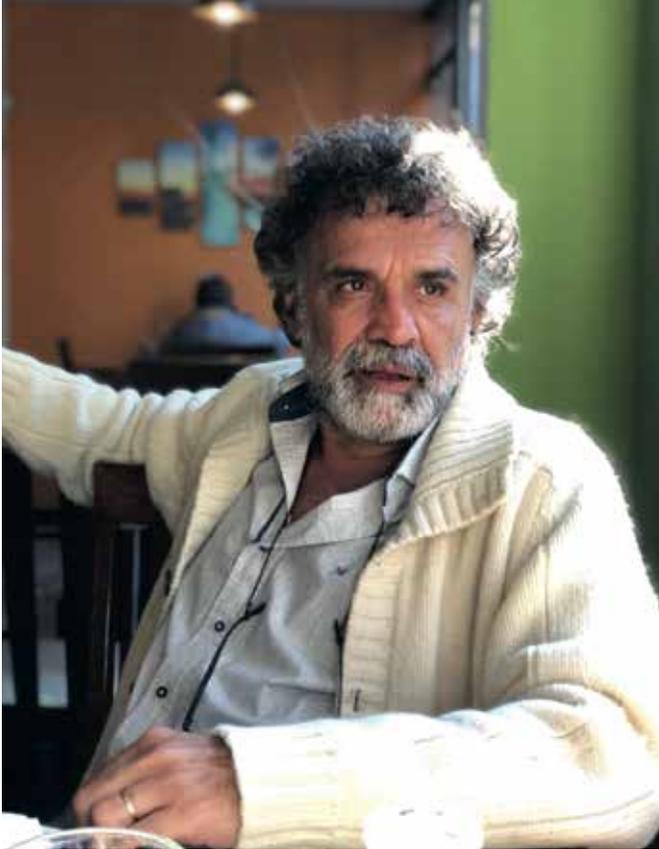
para o *Encuentro Latinoamericano de Comunidades Campesinas y ONGs por la Biodiversidad...* Ao participar, inicia-se uma amizade preciosa, frutífera e carinhosa. Sua voz ainda ressoa em meus ouvidos cantando: Vinte anos não são nada... vou sentir falta de sua orientação e de seu conhecimento, mas... posso dizer com certeza: até breve, Carlos. *Silvia Rodriguez*

Corriam os primeiros anos da última década deste século. Várias organizações latino-americanas nos organizamos em torno da chamada Cúpula da Terra. Aí participavam, entre outras, *Acción Ecológica* e *CETAAR [Centro de Estudios sobre Tecnologías Apropriadas de Argentina]*. Nesses intercâmbios conhecemos Carlos Vicente. Como farmacêutico, nessa época trabalhava na promoção de plantas medicinais como uma alternativa aos conglomerados farmacêuticos mundiais. Conheci Carlos um pouco mais tarde, em uma reunião paralela à terceira conferên-



Reunião da Aliança da Biodiversidade na Colômbia, 2008

cia da Convenção da Biodiversidade. Eram tempos em que discutíamos se as sementes eram patrimônio dos Estados, “recursos genéticos” ou patrimônio dos povos a serviço da humanidade. Foram tempos de muito aprendizado, onde Carlos, sempre de maneira amigável, mas implacável em seus princípios, teve um papel fundamental. Desde então, mantivemos uma forte relação de amizade, confiança, colaboração e construção coletiva, sem que isso implicasse que não debatêssemos constantemente sobre os temas que nos solicitavam. A materialização mais tangível é a revista *Biodiversidade, sustento e culturas*, que hoje presta esta homenagem ao nosso querido amigo que se antecipou de nós no ciclo da vida. *Elizabeth Bravo*



Carlos, o grande mestre, querido amigo e irmão, mas acima de tudo uma grande pessoa com um coração gigante e um sorriso que nos cativou. Durante muitos anos foi militante e lutador de mil batalhas pela defesa da vida em todas as suas expressões, dos nossos territórios, dos bens comuns e da soberania alimentar dos povos, e tinha convicção que um mundo melhor e mais justo é possível. Sua grande sensibilidade, compromisso e generosidade com as causas dos mais vulneráveis eram suas grandes virtudes. A partir de *GRAIN*, de *Acción por la Biodiversidad*, e da *Alianza Biodiversidad*, e de muitos outros espaços, Carlos enfrentou as injustiças sociais, o poder corporativo, o agronegócio, a privatização e o controle da biodiversidade e dos saberes dos povos. Seu trabalho rigoroso foi fundamental na construção de tecidos e pontes entre as lutas sociais, e na divulgação e acesso livre e ético à informação a serviço de toda a sociedade.

Carlos é agora uma semente de esperança e rebeldia que germinará e voará rumo ao infinito, deixando-nos um rastro de ensinamentos e de caminhos que nos acompanharão e guiarão para sempre. Obrigado Carlos por ter nos permitido fazer parte do seu caminho. *Germán Vélez (Grupo Sementes)*

Carlos Vicente soube transmitir como é fundamental estar atento, uma valiosa capacidade de cultivar pomares e construir comunidade no meio da incerteza e complexidade do mundo. Carlos Vicente nos inspirou sempre a manter um olhar crítico permanente, mas a mão cuidadosa. Além de bons jardineiros e jardineiras, convidava a compreender os ciclos,

celebrar as flores e agradecer as colheitas. *Henry Picado*

Tive a imensa alegria de conhecer o Carlos pessoalmente depois de ler e ouvir falar dele. Pareceu-me incrível que uma referência tão importante — por suas contribuições e seu compromisso com os movimentos — pudesse ser tão simples, tão humana no melhor sentido da palavra. Nos encontramos várias vezes nos últimos anos, desde o início ele me deu confiança para pedir que escrevesse um artigo para uma publicação ou viajasse para uma palestra. Sua resposta imediata sempre foi “siim, conte comigo”. Carlos sempre chegava com alguma semente e saía com outras; foi semeando soberania alimentar por onde passou, sempre ao lado dos movimentos, sempre com uma qualidade especial para escutar e por ser, além de parceiro, um mestre. *Marielle Palau*

Lembro de Carlos como uma referência, misto de firmeza e delicadeza, que combinava atenção com energia alimentadora de ações conscientes. As últimas mensagens que dele recebi homenageavam a hondurenha Berta Cáceres, a guatemalteca Aura Lolita Chávez Ixcaquic, a colombiana Francia Márquez Mina e o argentino Miguel Grinberg. Acredito que Carlos dividia com aquelas e outras pessoas de nossos povos não apenas a identidade e os compromissos de vida como também a certeza de que em qualquer esforço e trajetória, mais vale errar em grupo do que acertar sozinho. *Leonardo Melgarejo*





Reunião da Aliança da Biodiversidade e do Coletivo Latino-Americano de Sementes no México em 2017



Reunião da Aliança da Biodiversidade em Yvapuruvú, Paraguai, 2015

Carlos, com saudades vamos recordar, e sentir muita falta, da pessoa firme e meiga com a qual compartilhamos tantas lutas e tantas coisas boas. Um dia destes nos encontraremos de novo e, até lá, vamos celebrar tua vida prosseguindo na peleja em busca de um mundo melhor e mais justo.

Sou grata por ter tido a oportunidade de ter te conhecido!
Maria José Guazzelli

Uma pessoa querida, com um sorriso permanente, cora-ção de criança e um abraço imenso. Nesse caminhar pela vida, com suas lutas, sonhos, esperanças, desesperanças, de repente você encontra uma pessoa que, conhecendo-a há pouco tempo, sente que foi seu irmão e seu companheiro de toda a vida, um mestre coerente, amoroso, criativo, encorajador. Seus amigos sentimos sua ausência, mas você plantou uma semente que germinou e germinará em cada luta que emprendermos em defesa dos direitos de nossos povos, até o dia em que tivermos de partir, e talvez naqueles mistérios insondáveis da vida, voltaremos a nos encontrar e poderemos nos dar um grande abraço. Até sempre

companheiro. Com todo meu carinho, a partir deste cantinho da nossa América Latina. *Otávio Sanchez Escoto*

Irmão árvore: a sombra de teus imensos e abrangentes galhos abriga para sempre a Alianza, aqui continuas em cada semente livre; a esperança se aviva com seus pensamentos que, como uma brisa suave, sussurram em cada assembleia, somos fios do imenso tecido libertário que você teceu. *Fernanda Vallejo*

Irmão, amigo, companheiro, humilde como poucos, construtor de pontes, implacável mas calmo, impaciente com os tolos, zombando de si mesmo, um mestre para fazer você enxergar suas fraquezas sem ferir orgulhos, amoroso à moda antiga. Sua falta se torna cada vez mais profunda. *Camila Montecinos*

Sempre me surpreendeu a bravura e a doçura de seu trato, a simplicidade com que falava dos problemas extremamente complexos que acarreta a busca da liberdade. Profundamente sério ao falar das lutas pela vida camponesa e pela vida de todos, sorrindo como para marcar a força de sua convicção. Carlos, faltou muito aprender com você. Você estava tão presente que sempre me senti segura na minha parte das tarefas compartilhadas. Agora você aparecerá como pequenas plantas cultivadas em todos os lugares por onde andou. E vou prestar bastante atenção no que você diz, no que nos propõe, como nos ensina a ser bravos e doces, sérios e sorridentes, milhos tenros e árvores protetoras. *Verônica Villa*

É tão estranha a forma que você permanece no nosso batalhar diário. Sua presença nos acompanha e nos suaviza mesmo que seu vazio pese e também morda por momentos ou por dias inteiros. Percebo que te pergunto e te consulto, e creio te escutar nos sobressaltos dos dias. Você me ensinou com sua humanidade que a grandeza é cotidiana, e que a justiça pode ser muito afetuosa e a crítica, implacável até com você mesmo. Você insistiu com ações que nunca devemos nos rebaixar da certeza de que nossa esperança e verdade sempre nos salvam. Você segue aqui, mano, ou eu te visito de vez em quando, eu nem sei mais. *Ramón Vera*

É tão difícil e tão fácil escrever sobre você, irmão, amigo, companheiro de tantas vidas e muitos caminhos. A bofetada, a surpresa sem precedentes de sua morte demasiada prematura nublam a visão, mas não o horizonte. Carlos tinha esse dom da onipresença das pessoas sensíveis e comprometidas, que se pensa que ainda está por aqui. Porque sempre estava, onde quer que estivesse, sentia-se sua presença solidária, seu acompanhar abraçando, seu construir com seu olhar cheio

de afeto, mas não sem críticas. Com seu imenso amor pelas pessoas, por sua família amorosa, pelas comunidades que acompanha em suas batalhas e que o acompanham. Com sua curiosidade infinita e seu amor pelas plantas e plantinhas, e as mãos que cuidam delas, sobre as quais ele sabia tanto e nos deixou conselhos, livros, escritos que nos ajudam a curar-nos. Com sua profunda solidariedade e memória por tantas pessoas que nunca desaparecerão, porque continuamos a recordar, não como quem passou, mas as suas vidas, lutas, saudades, continuam naqueles de nós que seguimos caminhando. Assim com Carlos, coração da *Alianza Biodiversidad* e desta revista — entre muitos outros tecidos coletivos — que continua nestas páginas e em nossos corações.

Carlos, te chama de tantas coisas, uma árvore generosa, uma semente que floresce, um sol que brilha, uma sombra que refresca, um sorriso, um abraço solidário. Eu não posso me despedir, só posso te nomear para continuar conversando e andando, para sempre, irmão de alma. *Silvia Ribeiro*

Um companheiro morreu! A partida de Carlos nos atingiu muito forte e profundamente. Foram mais de trinta anos caminhando juntos, sonhos e lutas coletivas para construir a soberania alimentar. E Carlos sempre foi uma força motriz incansável, gentil, generosa, humilde, alegre e afetuosa por trás de qualquer projeto que o incluísse.

A revista *Biodiversidad, sustento y culturas* é um desses caminhos coletivos aos quais se juntou e dos quais foi pilar fundamental até o último dia.

São muitas as sementes que Carlos nos deixou para continuar semeando justiça e um mundo de dignidade, equidade e solidariedade para o campesinato e os povos do mundo.

Até sempre querido companheiro! Venceremos! *REDES-AT*

Sentirei saudades das suas remessas de fotos de plantas e sementes que você fazia viajar e compartilhar pelo mundo inteiro até seu jardim. Conselheiro, pai, avô e irmão da família ampliada. Nossos filhos têm você muito presente.

Amigo sempre pronto para responder imediatamente a qualquer chamada. Um dia você batia na porta como se chegasse todos os dias. Ou te encontrava na rede em defesa do milho, na reunião da *Alianza* ou no tribunal permanente dos povos com uma fraternidade e dom de acolhimento surpreendentes. Você tornava leve a maior luta.

O estar presente com todo o seu coração, clareza e sem hesitação é coisa sua Carlos, com tudo isso sigo abraçado. Certamente nossa próxima comunicação será tão cotidiana quanto todas as suas saudações, tarefas ou bênçãos. *Pepe Godoy/Colectivo por la Autonomía*

Sempre, há anos, a primeira mensagem do dia era a sua, sempre com a pergunta certa, o tema do dia, com uma história familiar, com um carinho por nós e pelas crianças. Você é

uma pessoa muito especial e presente há mais de vinte anos, que tivemos a sorte de poder conhecer de perto com seu pensamento, seu ativismo. Sempre me surpreendeu sua capacidade de tecer lutas e alternativas, de visualizar de maneira pessoal e no coletivo o que está por vir e que pode afetar o bem comum, o futuro da vida e dos povos que lutam pela vida digna para todos. Eu me sinto como uma família com você, Ingrid e os filhos. Eu sempre, sem ter dúvida, podia ligar ou escrever sabendo que você responderia quase imediatamente, e sempre me surpreendeu perceber que era assim com tanta gente. Quando tive a oportunidade de vê-lo em casa, em seu país, entendi porque você sabia tanto e entendia de tantas coisas; você conversava o tempo todo com muitas pessoas, você ouvia e se conectava com cada uma de suas causas: os camponeses e agricultores da Argentina, as mães e avós da Plaza de Mayo, a defesa das sementes e da vida camponesa, a denúncia de disputas pelos recursos naturais e bens comuns, e tantas outras lutas; agora não sei quem vai resolver minhas dúvidas diárias sobre tantos assuntos, há trabalhos pendentes que pensamos fazer, querido companheiro, amigo, irmão. Você ainda está presente todos os dias e seu pensamento nos acompanha em nosso trabalho diário pela defesa e cuidado da vida. Saudade de você. *Evangelina Robles*



Com Ingrid Kossmann, companheira de sua vida

Com Camila Montecinos, irmã, amiga e colega



DEFENSORAS: A VIDA NO CENTRO

Marcha Noticias e Acción por la Biodiversidad

Com alegria, a partir da *Marcha Noticias e Acción por la Biodiversidad* queremos apresentar o projeto coletivo “*Defensoras: la vida en el centro*”, uma série de entrevistas com as defensoras dos territórios e de vida digna no Sul Global. A partir das vozes de Berta Cáceres, Francia Márquez Mina, Lolita Chávez Ixcaquic e companheiras da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Moçambique e Peru, convidamos vocês a percorrerem uma genealogia da defesa dos direitos dos povos.

As organizações e coletivos socioambientais costumamos nos referir ao extrativismo como uma forma de saque dos territórios e das dinâmicas comunitárias. Desde o momento da Conquista e da configuração dos países na estrutura econômica mundial, foram definidas atividades que, para serem levadas a cabo, apropriam-se da natureza, seus sujeitos e sua sabedoria, dependendo da demanda dos países centrais e das corporações. Dessa forma, podemos pensar em muitos territórios como “zonas de sacrifício”, onde os ganhos econômicos têm sido priorizados em detrimento dos bens e pessoas comuns, causando violações de direitos humanos, degradação ambiental e dos tecidos sociais.

As mulheres defensoras resistem, mas também constroem — nos seus territórios, nas instituições e nas comunidades — esses novos mundos que ansiamos para o bem viver.

Diante desses projetos localizáveis em nossas veias abertas, são inúmeras as disputas, mutirões, resistências organizadas e alternativas para defender os territórios, os bens comuns e um novo modo de vida digna. E não é por acaso que quem cuida, organiza e põe o corpo sejam mulheres, integrantes de comunidades indígenas, camponesas, de coletivos plurais. Porque, como bem sustentam, não se trata apenas de lutar contra os projetos de mineração e do agronegócio, mas também de conceber uma forma de habitar esses territórios. Em suma, de levar a cabo uma luta profunda pela vida.

A partir daí, *Acción por la Biodiversidad e Marcha Noticias* embarcamos nessa jornada pelo Sul Global para ouvir, replicar e difundir as vozes das defensoras da vida. Elas cui-

dam da memória, abraçam o ser coletivo e constroem as respostas ao saque de nossos corpos-territórios. Em seus relatos de esperança tecem as resistências territoriais com urgência da defesa dos direitos dos povos e da Mãe Terra.

As defensoras resistem, mas também constroem — nos seus territórios, nas instituições e nas comunidades — esses novos mundos que ansiamos para o bem viver. A partir de suas experiências situadas e sentidas estão parindo, a cada dia, “uma política que coloca a vida no centro”, como sintetiza a defensora e candidata colombiana a vice-presidente pelo Pacto Histórico, Francia Márquez Mina.

Partimos das reflexões da defensora dos rios, Berta Cáceres Flores, que em 2014 já alertava para a necessidade de proteger a vida: “Vamos acordar humanidade, já não há tempo!”. Dois anos depois, o feminicídio político da defensora dos rios e líder do *Consejo Cívico de Organizaciones Populares e Indígenas de Honduras* [Conselho Cívico de Organizações Populares e Indígenas de Honduras] — CO-PINH, constitui um ponto de inflexão no reconhecimento das defensoras dos territórios do Sul Global.

Berta, junto com a comunidade do Rio Gualcarque, se opunha à construção do projeto hidrelétrico “Agua Zarca”, da corporação DESA em seu território, e por isso foi assassinada por um grupo de pistoleiros contratados por esta mesma empresa, em cumplicidade com o Estado hondurenho.

Desde aquele assassinato em 2016 até o presente, os povos de Abya Yala evidenciaram diferentes ameaças e ataques vinculados ao avanço sobre os territórios dos projetos extrativistas, que trazem consequências às quais se somam as da crise sistêmica que expôs a pandemia de Covid-19 e a crise climática.

Uma das pessoas que deu continuidade ao legado de Berta em Honduras é Miriam Miranda, a quem conhecemos em



Ilustração: Ximena Astudillo

2017 e que faz parte deste projeto. É a coordenadora geral da *Organización Fraternal Negra Hondureña* [Organização Fraternal Negra Hondurenha] — Ofraneh e defensora dos territórios, com uma longa trajetória na luta pelos direitos dos povos indígenas, afros e das mulheres. Miriam é representante do povo Garífuna ao qual pertence, um povo afro-indígena que vive na costa atlântica de Honduras que possui 41 comunidades e inclui, também, territórios em Belize, Guatemala e Nicarágua.

Continuando pela América Central, região que historicamente serviu de laboratório de testes para políticas neoliberais, encontramos Aura Lolita Chávez Ixcaquic, a Lolita, líder do povo Maya Quiche. A trajetória construída através dos diversos diálogos e intercâmbios que tivemos com ela mostra a existência de um mecanismo de perseguição e criminalização daqueles que cuidam da vida dos povos. Nós a escolhemos como defensora dos territórios, da cura e das redes da vida para repensar, a partir dos feminismos comunitários, a descolonização de nossas práticas.

As defensoras que compõem nossas entrevistas intervêm em todos os âmbitos. Não somente a partir dos territórios, condição que consideramos fundamental e não pode ser adiada, mas também a partir das instituições. É que todos os âmbitos são terreno de disputa, como mostra Francia Márquez Mina, defensora do meio ambiente e ativista de direitos humanos, vencedora do Prêmio Goldman de Meio Ambiente, como Berta Cáceres. Ela integra a lista eleitoral do Pacto Histórico como candidata a vice-presidenta, junto com Gustavo Petro, nas próximas eleições presidenciais na Colômbia. Francia é daquelas que carregam uma liderança à altura da história de seu povo — e está consciente disso.

“Que teu privilégio não nuble tua empatia” foi uma das frases lidas nas ruas como expressão das mobilizações so-

Dessa forma, podemos pensar em muitos territórios como “zonas de sacrifício”, onde os ganhos econômicos foram priorizados em detrimento dos bens comuns e das pessoas.



Ilustração: Ximena Astudillo

ciais que acompanharam a Greve Nacional iniciada em 28 de abril de 2021 na Colômbia, contra a reforma tributária proposta pelo governo de Ivan Duque. “Há um povo disposto a lutar, e isso me enche de esperança”, disse Francia quando conversamos com ela naquele ano, antes de se conhecer a ampla vantagem que hoje detém a lista eleitoral encabeçada por Petro.

Mas as defensoras não apenas cuidam da terra, mas também a trabalham e a reivindicam. É o caso da nossa quinta entrevistada. Néliida Almeida é uma jovem trabalhadora da terra da província de Misiones e faz parte de *Productores*

Independientes de Puerto Piray — PIP, uma organização que reúne mais de 70 famílias produtoras que hoje compõem a *Unión de Trabajadores y Trabajadoras*

“Que teu privilégio não nuble tua empatia”

de la Tierra [União de Trabalhadores da Terra] — UTT. Uma luta histórica da UTT é pelo acesso à terra para que

famílias, produtoras e produtores em pequena escala possam, por meio de um crédito acessível, ter a titularidade da terra para trabalhá-la e viver em condições dignas. Luta que também lidera no Paraguai Bernarda Poeso, do povo Qom, e integrante da *Coordinadora Nacional de Mujeres Rurales e Indígenas* [Coordenadoria Nacional de Mulheres Rurais e Indígenas] — Conamuri, que conhecemos em 2018.

Esses nomes e essas histórias são apenas uma amostra de todas as vozes que trazemos à mesa no projeto “*Defensoras: a vida no centro*”. Esperamos, por meio de seus relatos, mostrar o fio invisível que tecem suas lutas e resistências em todo o Sul Global. A partir dos territórios, organizadas, as mulheres que compõem esta série propõem um projeto distinto daquele do capital concentrado: um que coloque a vida no centro. 🌱

<https://www.biodiversidadla.org/Defensoras>

A ÚNICA COISA QUE FAZEMOS É DEFENDER NOSSA ÁGUA. NÃO ENTENDEMOS POR QUE NOS PERSEGUEM

Acción Ecológica

Sobre as anistias concedidas pela Assembleia Nacional do Equador a Defensores dos Direitos Humanos e da Natureza

Nancy Simba é uma das 268 pessoas que foram anistiadas pela Assembleia Nacional do Equador em 10 de março.

Ela é uma defensora de seu território e da natureza, mãe de família, que também ajuda sua irmã com capacidades especiais, e uma líder social que ocupa a vice-presidência da comuna ancestral de La Toglla, aos pés do Cerro Ilaló, um lugar com os assentamentos humanos mais antigos do Equador. Sua localização e clima privilegiado

despertaram a voracidade do setor imobiliário. Nancy, juntamente com outros 57 réus, foi criminalizada pelo suposto crime de ocupação, uso ilegal do solo e tráfico de terras em seu próprio território ancestral.

Um caso semelhante é o de Dom Homero de La Cruz, um membro da comunidade de Valdivia, na costa equatoriana, onde o setor imobiliário também o criminalizou. A comuna de Valdivia é considerada o berço da agricultura no país, onde foram encontrados indícios de cultivo de

A líder Kichwa, Blanca Chancoso, apresentando desenhos infantis para apoiar o processo de anistia para suas famílias Foto: Iván Castaneira



plantas há 10.800 anos, e é nesse território que o Estado ignorou sua ancestralidade, entregando títulos a agentes privados. Dom Homero morreu na clandestinidade, vítima de Covid, e foi anistiado tardiamente.

Há mães e avós como Carmita Caripama, que considera que sua luta é pelos netos e bisnetos. “Eles vão sofrer e dizer ‘não houve ninguém que fez nada por nós’, é por isso que eu luto. Há defensoras de seus territórios que tiveram que vender suas vaquinhas para poder contratar advogados para defendê-las, depois de terem sido criminalizadas”, nos conta Ivonne Ramos, da *Acción Ecológica*.

O maior grupo era formado por defensoras que enfrentam empresas mineradoras, como a senhora Jovita Curipoma, agricultora de 62 anos, defensora das charnecas de Fierro Urco, criminalizada pelos advogados da Guayacán Gold; ou Gabriela Fraga, que com sua comu-

gação de defender os direitos da natureza, são continuamente perseguidas”, porque no Equador são sistematicamente desconhecidas as pessoas defensoras dos direitos humanos e da natureza, apesar de o país reconhecer o Direito à Resistência.

Embora 93 pessoas tenham sido anistiadas por defender os direitos da natureza, muitas outras criminalizadas não foram incluídas. Já existe uma lista de sessenta defensores que esperam se beneficiar de um novo processo de anistia, incluindo advogados de defesa de defensores.

Referindo-se ao processo anterior à concessão de anistias, Nathalia Bonilla, presidenta da *Acción Ecológica*, diz que “houve uma análise minuciosa de cada caso de judicialização, e tornou visível o *modus operandi* dos grandes interesses econômicos, sua estratégia é levantar falsas acusações contra as comunidades e pessoas que defendem a terra, e levar essas acusações para os sistemas de justiça, em uso utilitário da lei. Mas essas anistias representam um êxito na concretização dos direitos da natureza consagrados em nossa Constituição: porque ela tem o direito de ter defensores”.

Embora 93 pessoas tenham sido anistiadas por defenderem os direitos da natureza, muitas outras criminalizadas não foram incluídas

“Nas listas de beneficiárias há muitas pessoas defensoras dos direitos coletivos. Além disso, pessoas que sofreram discriminação estrutural, que sofrem de múltiplas vulnerabilidades e às quais o Estado impôs decisões unilaterais lesivas de seus direitos e que não tiveram outro recurso senão recorrer ao artigo 98 da Constituição, que garante o direito de resistência em nosso país”, diz Vivian Idrovo, da *Alianza de Organizaciones por los Derechos Humanos* [Aliança de Organizações para os Direitos Humanos].

Ela acrescenta que “as anistias reconhecem o direito de defender direitos conforme estabelecido pelo direito internacional, que protege as pessoas defensoras que colocam suas vidas, seus corpos, sua dignidade em jogo ao defenderem aqueles direitos que são bons para todas as pessoas e que permitem que nossa sociedade seja mais democrática... [mas] infelizmente não há garantias de não repetição no Estado equatoriano para que esses atos cometidos pela Administração da Justiça e pelo Estado equatoriano não continuem a acontecer. Isso é muito grave porque nosso país abre um precedente de uso indevido do direito penal”.

A notícia foi recebida com alegria pelas comunidades, que permaneceram vigilantes durante os debates parlamentares que duraram até as 4 da manhã. Elas não entendiam por que estavam sendo perseguidas, se tudo o que estavam fazendo era defender sua nascente, sua charneca, sua floresta. Fora da Assembleia Nacional, um



Desenho para pedir anistia para pessoas criminalizadas por defenderem seus territórios
Foto: Ivan Castaneira

nidade de La Merced de Buenos Aires, enfrenta a mineradora Hanrine. A única coisa que as comunidades querem é continuar com suas atividades agrícolas e pecuárias, o que não é possível se tiverem que conviver com a mineração.

Para Dom Víctor Guayllas, defensor da água, a anistia chegou tarde. Ele estava privado de liberdade e sem sentença final por 15 meses, e foi morto no massacre na Penitenciária de Guayaquil em novembro de 2021.

Defensores do povo Shuar, que vivem em lugares remotos, e que devem alugar pequenos aviões ou viajar de canoa por vários dias para deixar seus territórios, ficaram sem o benefício das anistias porque não puderam cumprir as exigências da lei.

Ivonne Ramos diz que “embora vivamos em um Estado constitucional de direitos, as pessoas que fazem uso de seu direito constitucional de resistência, de sua obri-

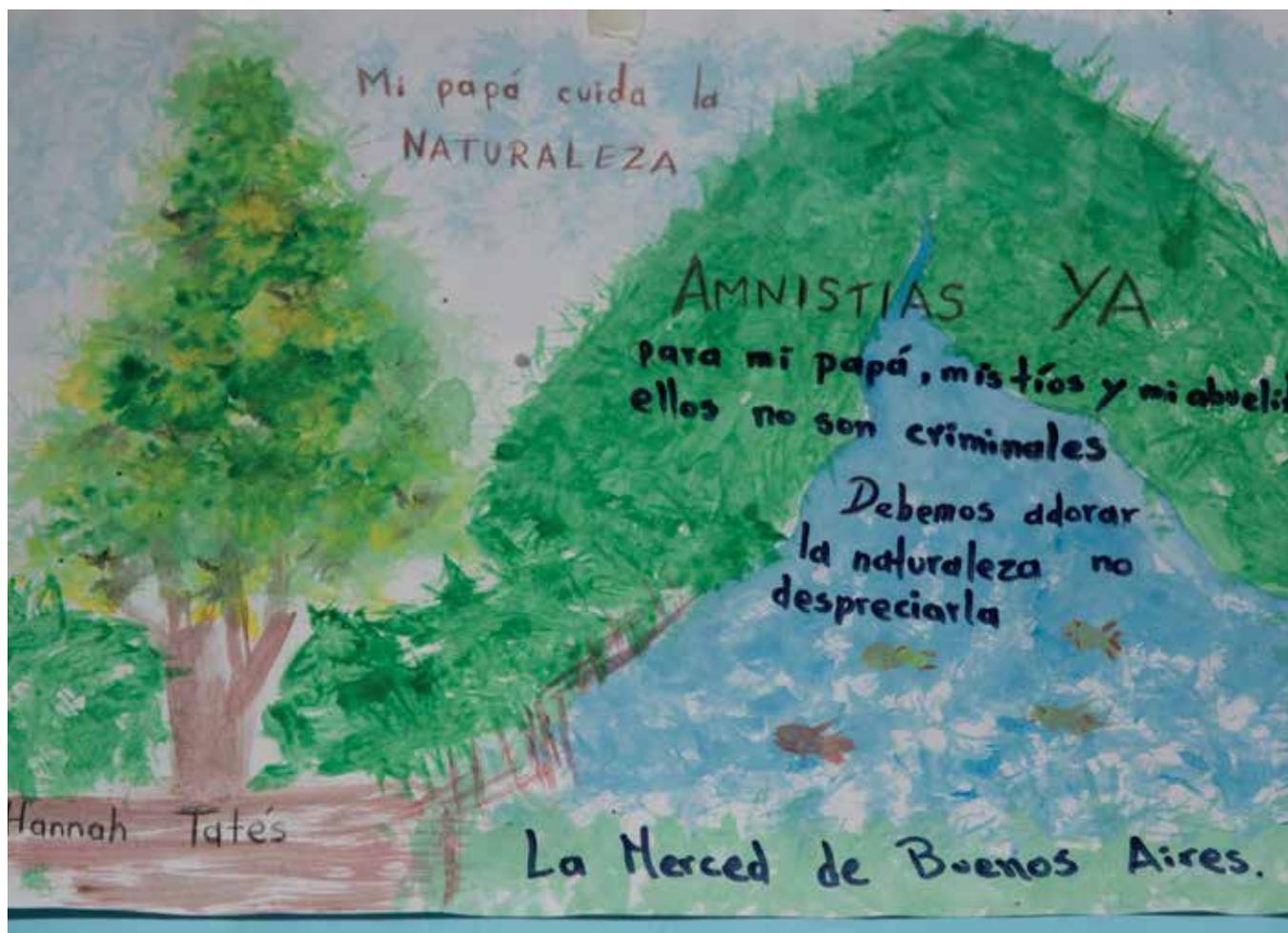
grupo de defensores e de organizações que participaram no processo acompanharam todo o processo.

Outra foi a reação dos grupos de poder, pois desde sua promulgação iniciaram uma campanha para difamar as anistias, contando com a colaboração dos principais meios de comunicação. Assim, um grupo de pessoas ajuizou uma ação de proteção e medidas cautelares contra o órgão legislativo pela concessão das anistias. Seu objetivo é que as anistias não sigam curso e não se concretizem. Outro coletivo ajuizou uma ação de inconstitucionalidade. Os demandantes incluem ex-funcionários das Câmaras de Comércio de Quito e de Turismo.

O próprio presidente da República manifestou a sua “indignação” com as anistias concedidas pela Assembleia e garantiu que fará tudo o que for necessário para evitar que essa “injustiça” se consuma.

lítica efetiva de reconhecimento e proteção das pessoas defensoras de direitos humanos no país e acabar com sua criminalização; e insta as autoridades equatorianas a agirem de acordo com o direito nacional e internacional e a continuarem tomando as medidas necessárias para implementar uma política efetiva de reconhecimento e proteção das pessoas defensoras dos direitos humanos e da natureza no Equador.

Mary Lawlor, Relatora Especial de Defensores de Direitos Humanos, somou-se ao apoio, e disse que “este mês, após um trabalho incrível da sociedade civil equatoriana, 268 pessoas defensoras injustamente perseguidas receberam uma anistia da Assembleia do Equador. Quando há vontade política, sim, é possível por fim aos ataques contra as pessoas defensoras!”, acrescentando que “as ações abusivas movidas contra as pessoas defensoras nos tribunais



Desenho da menina Hannah Tatés para apoiar a libertação de sua família.
Foto: Ivan Castaneira

Mas também houve apoios do exterior. Em 6 de abril de 2022, o Observatório para a Proteção dos Defensores de Direitos Humanos emitiu um pronunciamento de apoio às anistias onde reconhece a anistia como um ato do Estado equatoriano destinado a implementar uma po-

civis, como a ação movida contra os quatro defensores na província de Esmeraldas pela empresa Energy & Palma, também devem ser negadas”, referindo-se a 4 membros da comunidade que devem pagar à empresa uma quantia exorbitante em dinheiro, por danos à empresa. 🍌

SEMENTES E ÁRVORES

Verónica Villa (Grupo ETC)

No Brasil, em 2006, durante a reunião mundial da Convenção sobre Diversidade Biológica, quase foram aprovadas as sementes apelidadas de Terminator, geneticamente manipuladas para que a colheita nasça, mas não possa se reproduzir. Uma tecnologia que tentava acabar para sempre com a livre seleção, troca e semeadura das sementes mais preciosas em ciclos posteriores.

Durante esse encontro, as mulheres da Via Campesina lideraram a ação definitiva que baniria para sempre as também chamadas sementes suicidas. Pancha Rodríguez, uma dirigente chilena, nos conta:

Nos deixou enormemente angustiadas conhecer as consequências que as sementes Terminator trariam para a vida, nossos cultivos e povos. Ao saber que elas contêm uma toxina que mata a sementinha em determinado momento de seu desenvolvimento, sentimos que estávamos diante de uma ameaça total para a agricultura camponesa, e deixar isso acontecer era como deixar nosso próprio suicídio acontecer.

Então nos posicionamos nos estacionamentos aonde chegavam os representantes dos governos do mundo. Segurávamos bandeiras e faixas em vários idiomas e abordávamos os que chegavam explicando a eles o erro de legalizar essa tecnologia agrícola. Depois, nos organizamos para entrar na sala do plenário no momento em que ia ser votada a legalização das sementes suicidas.

*Entramos, abrimos
nossas faixas e
acendemos as velas.
Nossa presença foi tão
impactante...*

Planejamos a entrada sigilosa, levando mantas dobradas e velas para acender. Tínhamos decidido que seria uma ação completamente silenciosa. Entramos, desdobramos nossas faixas e acendemos as velas. Nossa presença foi tão impactante que o presidente da reunião pediu à polícia que não nos tocasse. Ele disse que estávamos expressando nossa opinião sobre o assunto. Ele pediu a todos os especialistas do mundo que refletissem sobre seu voto, que tivessem em mente a mensagem que estávamos transmitindo. “O silêncio falou”, disse uma compa-

neira. Então, em meio a uma estremeceadora ovação, saímos da sala. As sementes camponesas venceram as sementes industriais suicidas.

As mulheres da Via Campesina não usaram palavras, não apresentaram argumentos técnicos, nem estatísticos, nem monetários. E conseguiram reverter uma tecnologia genocida.

O movimento de mulheres Chipko no norte da Índia começou em 1973 e não parou. As mulheres, gestoras das capoeiras e bosques de sua região, numa época de grande emigração de homens e generalização de trabalhos pagos com

dinheiro, se deram conta que se permitissem a derrubada de suas florestas, além de piorar as enchentes e deslizamentos de terra durante as chuvas, dependeriam totalmente do salário dos homens para viver, pois não poderiam coletar frutas, fibras, lenha, caçar, ou levar animais para pastar, nem fazer remédios a partir do que havia em suas florestas. Então decidiram enfrentar as máquinas de desmatamento abraçando-se às

árvores. Os homens diziam: como são tontas! Sabem quanto valem as árvores? A madeira representa lucros. A resposta das mulheres foi: As florestas trazem água, cuidam do solo e mantêm o ar limpo. Sustentam a Terra e tudo o que ela dá.

Ao longo dos anos, o movimento Chipko estabeleceu cooperativas para proteger as florestas vizinhas e organizar a produção de forragem sem prejudicar as árvores. As mulheres dirigem projetos de rotação de cultivos, reflorestaram terras degradadas, repovoaram rincões e estabeleceram viveiros das espécies que selecionam, para distribuir em todo seu país, e reduziram a emigração de seus jovens. Elas mostraram que queriam se libertar não apenas do dinheiro que seus maridos lhes traziam, mas que todos os povos deveriam se libertar da opressão que os obriga a vender a própria fonte de seu sustento.

Para impor o atual sistema econômico, baseado na exploração da natureza e das pessoas, foi crucial quebrar a força

Para impor o atual sistema econômico, baseado na exploração da natureza e das pessoas, era crucial quebrar a força das mulheres. Nos séculos XV e XVI, na Europa e na América, isso tomou a forma da chamada “caça às bruxas”.

As mulheres dirigem projetos de rotação de cultivos, reflorestaram terras degradadas, repovoaram rincões e estabeleceram viveiros das espécies que selecionam, para distribuir em todo o país, e reduziram a emigração de seus jovens.



Francisca, "Pancha" Rodríguez, líder chilena da Coordenação Latino-Americana de Organizações Rurais (CLOC)-La Vía Campesina/
Foto: CLOC

das mulheres. Nos séculos XV e XVI, na Europa e na América, isso tomou a forma da chamada “caça às bruxas”. Nessa época, era muito importante introduzir o uso de dinheiro nas comunidades camponesas, e os latifundiários, comerciantes e governantes começaram uma campanha para desprestigiar todo o trabalho que não fosse monetizado, porque o que deveria ser generalizado era o trabalho pago com dinheiro. A campanha começou contra a agricultura familiar, contra a confecção de roupas, a atenção à saúde e em geral, a economia do cuidado. Todas essas atividades eram realizadas principalmente pelas mães, filhas, avós, em sinergia com os homens, mantendo o tecido e a força da comunidade.

Uma maneira segura de romper esses tecidos e fazer com que todas as pessoas dependessem exclusivamente do trabalho remunerado foi desprestigiar o cuidado a tal ponto que foi estigmatizado como feitiçaria. Promover a submissão das esposas aos maridos, das comunidades ao dinheiro, e romper a natural reciprocidade entre homens e mulheres. Foi um passo crucial na dominação do dinheiro sobre o campo e sobre a vida, e sobre a cultura de todos.

Por isso, casos como o das mulheres da Via Campesina contra Terminator e das mulheres do movimento Chipko são fundamentais para reconstruir a soberania dos povos e regenerar o planeta que nos sustenta a todos. 🌱

UMA GUERRA CONTRA O QUE NOS DIVIDE

Leonardo Melgarejo

O avanço da guerra na Ucrânia tem obscurecido os problemas que concretamente estão sob nosso controle.

Não se trata de ignorar um conflito que renova a ameaça de uma guerra nuclear global, mas de compreender a insignificância de nossos esforços para resolver esse drama, quando temos outros que verdadeiramente nos desumanizam.

Se trata de reconhecer que aquela guerra, tema central das grandes mídias corporativas, contribui para nossa alienação e apatia. O fato é que estamos deixando de lado os problemas sob nossa responsabilidade e capacidade de agir.

Claro que é inaceitável que 4.000 civis tenham sido mortos na Ucrânia e podemos até entender que alguns brasileiros estão dispostos a ir lá para morrer brincando de guerra. Mas isso não justifica esquecermos aqueles dias em que contabilizamos mais de 4.000 óbitos em 24 horas, sob o descaso de um governo que fazia piadas relacionadas à Covid. E não apenas isso. A irresponsabilidade do governo, que também é nossa, só aumenta. Há

assassinatos com balas perdidas de milícias, há genocídio contra povos indígenas e verdadeiros ecocídios nos biomas Pantanal, Cerrado e Amazônia.

Ou será que não temos culpa alguma quanto ao que fazem os representantes da sociedade

que, instalados no governo, se empenham contra o presente do povo e o futuro da nação?

Não temos compromisso com aquilo que todos percebemos estar ocorrendo? A degradação moral instalada em instituições fundamentais à democracia, a desmoralização do contrato social, o descaso com os direitos humanos e a sinalização de impunidade para todo tipo de crime que acabam provocando tragédias dentro de nossas casas, isso não tem a ver conosco?

E a guerra na Ucrânia tem a ver conosco? Sim, ela exige e merece nossa atenção...?

Mas parece que já não conseguimos entender, ou pouco ligamos para o papel que nos cabe nas engrenagens que alimentam o ódio e movimentam essa máquina que produz vítimas e mais vítimas, entre os nossos e nossas.

Difícil de aceitar, mas parece que estamos prisioneiros de alguma fantasia ativada pela necessidade de bloquear nossa consciência quanto a nossas responsabilidades pelo caos que aqui avança. Afinal, a quem cabe a responsabilidade pelo que chega às nossas famílias na forma do preço do pão, da carne, da gasolina, da fome, da violência e do medo?

Melhor não ver nada disso e tratar dos temas de guerra, revivendo agora na maturidade aqueles meninos treinados para o mal, que guardávamos no mais profundo de nossa memória... Nos acostumaram desde a infância a “ver” a brutalidade como um método silenciador, anulador de direitos, talvez alguns de nós ainda se percebam como pessoas poderosas porque animados com aquela guerra distante e com os gritos de MITO, MITO, MITO em homenagem ao presidente Bolsonaro?

A guerra, com sua maquiagem midiática, não apenas nos distrai e ilude. Ela faz emergir as tendências adormecidas em homens que se desviam de suas rotas, que internalizaram o uso da violência contra animais, crianças e, principalmente, contra “suas” mulheres.

E elas, de quem somos filhos, pais, irmãos, maridos, amantes ou amigos se convertem nas maiores vítimas. Os números são assustadores e crescem dramaticamente desde o golpe de 2016. Um relatório de 2021 afirma que no Brasil

25% das mulheres com mais de 16 anos sofreram algum tipo de violência no ano anterior. São 17 milhões de mulheres agredidas fisicamente. Durante a pandemia, os ataques ocorreram a cada minuto, e 75% da sociedade está ciente dessa evolução, sendo que 50% da população relata ter presenciado casos. Em 70% dos casos, a agressão parte de um amigo ou familiar, e 50% ocorrem em casa. A importância concedida pelo governo é simbolizada pelo desprezo do presidente pelas mulheres, expresso de forma grotesca e agressiva.

A violência não se restringe às mulheres adultas no Brasil. A cada 20 minutos uma menina se torna mãe. Os dados mostram que entre 2010 e 2019, 252.786 meninas de 10 a 14 anos, e 12 meninas com menos de 10 anos, engravidaram e deram à luz. Isso reflete 25.280

Deve-se reconhecer que esta guerra, tema central das grandes mídias corporativas, contribui para nossa alienação e apatia

Quem é responsável pelo que atinge nossas famílias na forma de preço do pão, carne, gasolina, fome, violência e medo?



Foto: Consuelo Pagaza.
Avelina Ramírez se preparando para começar a trabalhar...

casos de gravidez de pessoas vulneráveis, por ano, ou 70 crimes por dia.

Essas meninas-mães, que vivenciam situações equivalentes à tortura, são oriundas de famílias pobres das regiões mais pobres do Brasil. Elas são de cor negra (pretas e pardas). Mas no Sul, as meninas brancas pobres são a maioria (73% do total).

E os pais destas gravidezes? Fazem parte da família, o que amplifica o mal-estar geral, numa sociedade onde a violência extrema, o feminicídio, paira como uma ameaça real. Aqui, a cada 6 horas e meia uma mulher é morta por ser mulher. Em 2020 foram 1.350 assassinatos. Três em cada quatro vítimas tinham entre 19 e 44 anos. A maioria (61,8%) era negra. E os agressores eram companheiros ou ex-companheiros (81,5%), ou parentes (8,3%) das vítimas.

Entre 2020 e 2021, o número de crimes contra as mulheres simplesmente triplicou, passando de 271.392 registros para 823.127.

Segundo analistas, há responsabilidade institucional nesse caso, onde os dados refletem o desmonte das políticas de enfrentamento à criminalidade contra as mulheres. Em nosso país, as mulheres vivenciam, além dos riscos da vida, a clara negação de suas potencialidades e capacidades. Portanto, afirmamos que, se assim não fosse, se não fossem tão brutalmente silenciadas, certamente contribuiriam decisivamente para o fim de todas as guerras.

A intolerância, o ódio dos nazistas na Ucrânia e em todos os lugares, contra pobres, negros, gays, ciganos, indígenas, ou quem quer que seja, se repete aqui, no ma-

chismo tosco que viceja em nossa sociedade e floresce neste governo que não apenas desconsidera, mas menospreza e oprime o feminino em todas as formas de vida.

De crianças, vivendo com medo, forçadas a limitarem seus sonhos, até fazê-las acreditar que existem – de fato e de direito – dimensões que lhes são impossíveis de acessar, milhões de mulheres brasileiras esperam em suas casas o retorno desses homens que discutem sobre a guerra no Leste Europeu nos botecos de suas cidades.

Elas sabem que a violência da guerra não apenas começa na infância e é sustentada pela violência doméstica, como também e sobretudo se alastra pela omissão de quem nada faz para evitá-la. E tudo isso agravado pela nossa tolerância e passividade para com governos como o de Bolsonaro.

Superá-la exige reconhecermos que nossa Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) tem apenas 15 anos e (somente) desde 2012 estabelece que qualquer pessoa pode e deve denunciar violências percebidas contra as mulheres em qualquer ambiente.

E é sobre isso que devemos tratar nos botecos, nas filas, em todos os espaços de convivência. Esta é a principal guerra que nos interessa.

Pensando que esse drama, assim como aqueles outros que envolvem o avanço dos agrotóxicos, dos transgênicos e dos governos protofascistas não se limitam ao Brasil, na verdade ameaçam toda a humanidade, é preciso que percebamos que devemos fazer todo o necessário para contê-los, na América Latina.

Uma vez resolvido isso, aí sim poderemos nos dedicar ao que acontece do outro lado dos mares que nos rodeiam. 🍷

DIARISTAS!

Consuelo Pagaza, Valle de San Quintín, Baja California, México



Avelina Ramírez, pronta para o dia
Foto: Consuelo Pagaza

São três da manhã, o ar frio da madrugada e a intensidade da penumbra começam a ser levemente interrompidos pelas luzes projetadas a partir das janelas das casas de cimento cinza, madeira e lâminas. Já entre as ruas de terra improvisadas, percebem-se passos que andam rápidos e alguns sussuros.

Por volta das quatro horas, iluminado pelos faróis de um ônibus, é possível distinguir uma mulher empurrando um carrinho de bebê. É Esperança. Ela tem que levantar-se às três para se arrumar, fazer o café da manhã e o almoço para ela e para o marido, e arrumar a bolsa de fraldas do bebê, que deve deixar em um local seguro, geralmente com uma

mulher de confiança, antes de embarcar nos ônibus que os levarão a seus trabalhos.

Esperanza e muitas outras trabalhadoras agrícolas não gozam do direito a creche, e devem encontrar alguém dos vizinhos que as apoie cuidando de seus filhos enquanto elas trabalham até as seis ou sete da noite, e descontar do seu ganho diário o serviço que prestam a elas.

Em outras casas, a partir das três e meia da manhã já se ouvem alguns sons de Oaxaca na cozinha, através da estação de rádio do Valle de San Quintín, XEQIN.

Avelina aumenta um pouco o volume e começa a retirar os ingredientes para fazer a massa para grandes tortilhas de

farinha, para rechear com ovos, para estarem prontas para o café da manhã e o almoço.

“Mãe, bom dia!” A filha, à mesa da cozinha, fica encarregada de preparar para ela, sua irmã e sua mãe as mochilas e os *paliacates*, os lenços que usam para trabalhar nas fazendas das transnacionais agrícolas. Outra de suas filhas se apressa para apoiar Avelina preparando comida.

Eles têm que se apressar para não perder o ônibus, então antes do café da manhã eles se dão tempo de voltar para seus quartos para terminar de se arrumar, antes de ir para o trabalho. Aproximam-se do espelho e começam a colocar os três lenços que cobrirão completamente o rosto, deixando apenas os olhos descobertos — e assim se protegem do sol, da terra, mas sobretudo dos produtos químicos com que trabalham diariamente nos cultivos. Sobre as calças é colocada uma saia, uma blusa ou um suéter, um pulôver de manga comprida.

Antes de partir, Avelina entrega o almoço para as filhas e o marido, que trabalha como segurança em uma das fazendas. Eles pegam a mochila, sua enxada e começam a sair de sua casa. Enquanto caminham, ao longe são ouvidas várias

pisadas apressadas. São outras e outros trabalhadores agrícolas, que vão se integrando ao ritmo do passo acelerado para chegar até a rodovia, por onde passará o ônibus que os leva à fazenda das transnacionais para trabalhar. Muitas das ofertas de trabalho estão em cartolinas presas nos postes de luz da rodovia, ou ficam sabendo delas pelas redes sociais.

É inevitável notar que as outras mulheres também usam uma saia por cima da calça. Avelina diz que é para se proteger dos produtos químicos, mas sobretudo “por causa do assédio às mulheres; é uma forma de se sentirem protegidas”, pois na maioria das horas os trabalhadores e trabalhadoras realizam seu trabalho com o corpo curvado.

Ao nos aproximarmos do parque da cidade, podemos ver uma aglomeração de pessoas na estrada, esperando a chegada dos ônibus, que um após outro vão parando. Trata-se de mais trabalhadores e trabalhadoras agrícolas que vão ao parque esperar com café na mão e pão oferecido nas barracas montadas a partir das três da manhã.

Após a chegada dos ônibus são ouvidas as ofertas dos capatazes para recrutar pessoal para as fazendas agrícolas: “cebola!” “pepino!” “morango!” “200 pesos por dia”, em uma jornada que pode terminar só nas primeiras horas da noite.

Na maior parte do tempo o trabalho é feito agachado, e eles não conseguem se endireitar por alguns minutos porque são vigiados pelos capatazes, que avisam o patrão



Esperando de madrugada pelos ônibus que os levam aos campos de trabalho. Fotos: Consuelo Pagaza

Assim passa a manhã no Vale de San Quintín. Os primeiros raios do sol começam a aparecer. O parque, as ruas começam a ficar desertas de diaristas que saem para trabalhar todos os dias.

Enquanto o resto do mundo dorme, começa o dia a dia das pessoas que trabalham no Vale.

Avelina Ramírez López é trabalhadora agrícola e secretária geral do *Sindicato de Jornaleros Agrícolas* [Sindicato dos Diaristas Agrícolas] — SINDJA. Ela conta que nas fazendas, as e os diaristas podem realizar muitas tarefas como plantar, desfolhar, cortar, amarrar e podar. Na maioria do tempo o trabalho é feito agachado, e eles não conseguem se endireitar por alguns minutos porque são vigiados pelos capatazes, que avisam o patrão.

Somente quando completam a carga eles podem se juntar para entregá-la. Há quem carregue várias caixas ao mesmo tempo de cebola, pepino, com a intenção de avançar e carregar mais, mas em pouco tempo lhes causa sérios problemas de saúde na coluna. Ela diz que o pagamento depende do que eles oferecem em cada fazenda. O cultivo mais bem pago é o morango, pois não se trabalha por hora, mas sem limite de tempo, até que seja feito a colheita do dia. Nas mãos de Avelina, é evidente que seus dedos acabam muito feridos, pelas chagas sob as unhas.



Avelina tem uma grande preocupação pelas condições em que trabalham as e os diaristas, especialmente as mulheres, devido à dupla carga de trabalho que realizam em casa e nas lavouras. Descreve como nas fazendas há grandes cartazes que estabelecem as obrigações, o regulamento que quem trabalha deve cumprir, mas que não há nenhum cartaz grande que diga quais são as obrigações do patrão, dos donos das fazendas do agronegócio, e os direitos dos trabalhadores.

Nas fazendas não recebem ferramentas, uniformes ou equipamentos de proteção contra pulverizações que causam urticária ou danos severos à pele. Isso corre por conta das trabalhadoras e dos trabalhadores. Falta a capacitação ou um bom seguro de saúde, que as pessoas tenham a certeza de que se forem ao centro de saúde, estará limpo e com os medicamentos de que necessitam.

“Com a pandemia, em algumas fazendas eles insistiam conosco em cuidados como distanciamento ou lavagem das mãos, mas se algum diarista se sentia mal, eles só mandavam de volta para suas casas, mas sem nenhum pagamento ou apoio enquanto se recuperavam. Isso significava que não chegava sustento na casa, então não havia tempo para se sentir mal e você tinha que voltar a trabalhar na fazenda o mais rápido possível.”

Após o banho, Avelina e suas filhas lavam diariamente o moletom, as calças e os *paliacates* para evitar que os produtos químicos das pulverizações as prejudiquem. A

água que usam para lavar é uma despesa extra que devem ter porque na maioria das ruas do Vale de San Quintín não há água potável, por isso devem contratar pipas para que não lhes falte.

Desde que começou a se organizar com outras diaristas, professoras e mulheres indígenas para fundar a MUDJI — *Mujeres Unidas en Defensa de las Jornaleras e Indígenas* [Mulheres Unidas em Defesa das Diaristas e Mulheres Indígenas], seu principal interesse tem sido apoiar e ensinar as mulheres a defenderem seus direitos como trabalhadoras e de gênero. Trabalharam para que a MUDJI se torne um espaço de confiança, e que as mulheres do Vale se informem, se sintam acompanhadas, organizem “cafezinhos” e possam se expressar livremente sobre os abusos que sofrem nas fazendas, em casa ou como está seu ânimo. Que possam fortalecer sua autoestima e não permitam nenhum tipo de abuso. Jyreh, filha de Avelina que trabalha junto com a mãe, conta que realizam oficinas e exposições educativas itinerantes em várias comunidades, onde se reúnem de cinco a dez mulheres, e que a mensagem chegue longe.

Avelina tem acompanhado as denúncias sobre os abusos de quem trabalha por parte de capatazes e patrões, do pessoal que trabalha com a empresa. Denúncias têm sido feitas, se está fazendo vídeos de abusos e violações dos direitos trabalhistas em diferentes áreas do Vale.

“Não faz muito tempo, se acabou de aprovar o trabalho infantil aqui, estamos tentando ver como administrar isso e





Espaços de convivência para diaristas
Foto: Consuelo Pagaza



Termos do contrato postados nos posts
Foto: Consuelo Pagaza

no que apoiar. Temos a ideia de que se os empresários e o Estado não podem garantir a proteção dos direitos dos adultos, muito menos podem dos menores, que devem trabalhar pelo menos suas 4 ou 6 horas, não podem trabalhar uma jornada de mais de 12 horas como fazem os adultos. Queremos evidenciar o esforço físico realizado por gestantes, adolescentes e meninas que trabalham por necessidade. Nos preocupa a exploração infantil por parte dos familia-

res, quando os pais tiram seus filhos ou filhas da escola para ajudar em casa.”

Começa a ventar muito no Vale, as roupas no varal do pátio se movem de um lado para o outro com força, a luz do sol começa a baixar, então quando dá tempo, Avelina e sua família caminham até a praia, jogam bola e se despedem do dia. Voltam cedo para casa, preparam a janta e descansam. 🍷

MULHERES FEMINISTAS EM LUTA PELA SOBERANIA ALIMENTAR EM CAAGUAZÚ, PARAGUAI

Entrevista com Magui Balbuena, por L. García, março de 2022

No departamento de Caaguazú, no Paraguai, a *Asociación de Mujeres Campesinas y Populares* [Associação de Mulheres Camponesas e Populares] — Amucap foi formada entre 2015 e 2016. É uma organização de mulheres camponesas e indígenas feministas que produzem alimentos saudáveis, em um território que está em disputa contra a territorialização do capital a partir da expansão da fronteira agrícola do agronegócio com uma importante monopolização de extensos hectares destinados à produção de monocultivos de soja transgênica.

Essa associação nasceu das experiências organizativas de mulheres camponesas e indígenas.¹ É definida como “uma

A Amucap entende que a produção de alimentos e o cuidado dos bens comuns da natureza é responsabilidade histórica das comunidades camponesas e indígenas

organização popular, consciente das desigualdades de classe e gênero que prejudicam todas as pessoas. Apostam na democracia, solidariedade e unidade do setor popular em defesa dos direitos e interesses do setor camponês para a construção de uma sociedade solidária e com justiça social”. (Amucap, 2019)²

Na prática cotidiana de resistência e luta pela soberania alimentar das mulheres organizadas na Amucap, torna-se visível a profunda relação entre a luta pela soberania alimentar, a produção agroecológica e o feminismo. Assim se expressa Magui Balbuena, fundadora da organização: “A produção saudável é uma questão política que as mulheres contribuem para a sociedade... o feminismo tem que reivindicar o traba-

lho das mulheres, a agroecologia como luta frontal contra um sistema perverso que destrói o meio ambiente e que busca o lucro sem se importar com a saúde, a vida, a destruição do nosso ambiente”. Em suas palavras, um dos objetivos principais da organização é a luta pelos direitos das mulheres, a igualdade real entre homens e mulheres, igualdade que, para ser efetiva, deve desenvolver-se através de um verdadeiro processo de mudança social, econômica e política; isto é, de transformações estruturais.

“Optamos — novamente — por uma organização de mulheres porque, em nossa sociedade, as mulheres relegadas sofrem duas vezes com a exploração e a violência. Por isso temos como objetivo fomentar a participação das mulheres na luta pela soberania alimentar, onde a agroecologia é muito importante”. (Amucap, 2019)

Nesse marco, a Amucap apoia as lutas das mulheres contra a violência de gênero, em defesa da vida, com uma participação ativa nos movimentos sociais de mulheres, e também em organizações camponesas e indígenas, com as quais entrelaçam suas reivindicações sociais e econômicas.

A Amucap entende que a produção de alimentos e o cuidado dos bens comuns da natureza é responsabilidade histórica das comunidades camponesas e indígenas. Outro dos objetivos fundamentais é a produção de alimentos agroecológicos saudáveis para suas famílias e para a geração de renda com a venda em feiras locais. A partir da vivência e prática produtiva da alimentos agroecológicos no trabalho organizativo em uma relação respeitosa com a natureza, sua organização feminista contribui para a luta pela soberania alimentar territorial aprendendo sobre o cuidado com a terra no cultivo de alimentos saudáveis sem agrotóxicos e sem químicos, aplicando técnicas como a nutrição do solo e das plantas com fertilizantes líquidos, composto feito com resíduos vegetais e esterco, associações/rotações de cultivos, cuidado do solo, água e diversidade natural em seus pomares e hortas.

“Há muitas facetas no processo de produção agroecológica. Os cuidados com a terra, o reflorestamento, voltar a plantar árvores, são elementos com os quais queremos formar um sistema de produção alternativo que consiga reduzir esse desastre ambiental que temos”.

1 A antecedente é a *Coordinadora de Mujeres Campesinas* [Coordenadora de Mulheres Camponesas], do *Movimiento Campesino Paraguayo* [Movimento Camponês Paraguayo] dos anos 80 em um contexto de clandestinidade devido à perseguição imposta pela tirania estronista. Esse espaço feminista que surgiu da luta pela terra, deu origem à *Coordinadora Nacional de Mujeres Campesinas e Indígenas* [Coordenadoria Nacional de Mulheres Camponesas e Indígenas] — Conamuri, organização da qual se separaram algumas mulheres que formaram a Amucap em Caaguazú entre 2015 e 2016.

2 Ver a publicação da Amucap no Facebook em 2019: <https://www.facebook.com/Amucap/videos/347163149340579>

“A produção saudável é uma questão política que as mulheres contribuem para a sociedade... o feminismo tem que reivindicar o trabalho das mulheres, a agroecologia como luta frontal contra um sistema perverso que destrói o meio ambiente e que busca o lucro sem se importar com a saúde, a vida, a destruição do nosso ambiente”



Recuperar, preservar e cuidar de sementes nativas e crioulas constitui uma prática central na luta pela soberania alimentar na Amucap, uma vez que estas correm risco de extinção devido à expansão da fronteira agrícola com sementes transgênicas, ao desmatamento massivo e às consequências das mudanças climáticas em seus territórios

Com essas práticas também buscam também prevenir doenças causadas pelas pulverizações com agrotóxicos e pelos impactos da alimentação com produtos agroindustriais, que afetam a saúde das pessoas.

Recuperar, preservar e cuidar de sementes nativas e crioulas constitui uma prática central na luta pela soberania alimentar na Amucap, uma vez que estas correm risco de extinção devido à expansão da fronteira agrícola com sementes transgênicas, ao desmatamento massivo e às consequências das mudanças climáticas em seus territórios

O processo de produção é complementado pela comercialização coletiva autônoma da produção de alimentos em feiras locais.³ Nas feiras se estabelece uma ponte entre o campo e a cidade que permite a politização do consumo de alimentos. Magui Balbuena relata:

“Começamos a ter uma relação com a sociedade através de nossos produtos, comercializando nossos produtos orgânicos, saudáveis e sem veneno, sem agrotóxicos. É diferente estar relacionadas com a sociedade através das feiras que montamos na cidade para vender produtos, e também trabalhamos com as pessoas na compra de nossos produtos, ao falar com elas sobre a forma de produzir e porque dizemos que são saudáveis, agroecológicos. E que as pessoas, os clientes, também valorizem também o trabalho das mulheres camponesas e a produção saudável sem veneno”.

As feiras permitem a sustentabilidade econômica da produção agroecológica que visibiliza o valor do trabalho das

mulheres camponesas e indígenas:

“Estamos tendo renda econômica em nossas casas. Ajuda importante que não se vê por que no campo a produção só dá valor aos homens”.

“Na prática cotidiana, isso é um grande compromisso e responsabilidade, pois requer resgatar saberes e práticas ancestrais de cultivo. E a colocamos em movimento em espaços de reflexão, capacitação, troca de experiências, visando conseguir mudar pautas, papéis e formas de produção”.

Recuperar, preservar e cuidar de sementes nativas e crioulas constitui uma prática central na luta pela soberania alimentar na Amucap, uma vez que estas correm risco de extinção devido à expansão da fronteira agrícola com sementes transgênicas, ao desmatamento massivo e às consequências das mudanças climáticas em seus territórios

No cenário atual configurado por uma crise climática e ecológica sem precedentes, que se confunde com uma crise econômica agravada pela crise sanitária, as práticas das mulheres na produção agroecológica constituem uma verdadeira luta pela vida.

Para a Amucap, é fundamental repensar urgentemente o modelo de produção agroexportador e transformá-lo em outro que tenha como cerne o respeito à natureza e às pessoas e que implique na recuperação ecossistêmica. Produzir alimentos saudáveis com base na agroecologia camponesa e indígena é central para a soberania alimentar. Magui diz:

“Precisamos que a partir do Estado sejam implementadas políticas públicas para a produção saudável, pensando na vida, na saúde da população: precisamos de pessoas com boa saúde para trabalhar. Os desafios são grandes. Precisamos de capacitação, apoio técnico, crédito, mercado seguro, poder entrar no mercado e para que haja maior produção agroecológica”. (Balbuena, 2022)

Para que esse caminho seja possível, as companheiras da Amucap identificam a necessidade de transformar o modelo produtivo de maneira estrutural, e construir outro novo onde: “todos os seres humanos possam ter uma vida de respeito, que nos faça felizes, que nos faça sentir-nos bem sem qualquer opressão nem exploração.” 🌱

³ Recebem o apoio da ONG *Decidamos* na capacitação técnica em agroecologia, e alguns insumos e infraestruturas para poder desenvolvê-la. Do governo não há absolutamente nada.

MULHERES PROMOVEM *ESCUELITAS* AGROECOLÓGICAS: UM SONHO DE DIGNIDADE COLETIVA

María de los Ángeles Jiménez Solano, Vanessa Chaves Villareal, Yéssika María, Alfaro Araya

A agroecologia é uma velha-nova ferramenta de luta no longo processo de resistência dos povos.

Val e Rossett

As Biritecas somos um grupo de mulheres jovens que a partir de diferentes caminhos, sonhos e rebeldias nos reunimos para germinar, em conjunto com as comunidades, um projeto que promova a dignidade e a autonomia coletiva a partir de um enfoque agroecológico. Esses projetos são realizados nas comunidades de Puerto Jiménez, Bahía Drake e Buenos Aires de Pérez Zeledón.

Essa experiência começou a ganhar forma há quatro anos, quando cada uma a partir de sua realidade, trincheira e formação passou a reconhecer na agroecologia

uma ferramenta poderosa de emancipação e justiça socioambiental. Assim, nos encontramos através da *Yunta Agroecológica*, um grupo de mais de 140 mulheres agroecólogas de toda a Costa Rica; uma poderosa rede de guardiães da vida que promove o trabalho coletivo, a colaboração e a aliança entre mulheres para curar-nos e cuidar-nos a nós mesmas e à mãe natureza. Um espaço seguro para recuperar nossa relação ancestral com a agricultura.

Essa experiência coletiva foi fonte de inspiração e adubo para nossas ideias inconformes que não se encaixavam na burocracia institucional ou na lógica empresarial que parecia ser nosso único destino de trabalho.

Foi assim que nossas decisões, circunstâncias e desejos nos trouxeram à Península de Osa, na zona Sul-Sul da Costa Rica, e juntas começamos a aterrizar e dar forma a

Foto: As Biritecas



esse sonho de dignidade coletiva que cada uma de nós carregava em seu coração, este sonho se concretizou sob o nome de *Escuelitas* Agroecológicas.

Então começamos... Como em qualquer processo comunitário, não existem receitas, e a transformação e adaptação são uma constante; no entanto, todas concordamos que queríamos desenvolver um projeto baseado na agroecologia em seu sentido mais amplo, já que regularmente quando se trabalha sobre este tema, os princípios técnico-produtivos são especialmente utilizados como ponto de partida. No entanto, era urgente para nós promover também os princípios sociais e políticos que orientam os processos organizativos para a transformação agroecológica.

*Através das diferentes
escuelitas
agroecológicas, nas
quais trabalhamos
com grupos de pessoas
camponesas,
indígenas, mulheres e
crianças, aprendemos
que os processos em
cada comunidade têm
seus próprios tempos e
dinâmicas*

Nesse sentido, procuramos fazer que este seja um processo a partir das e para as comunidades, por isso partimos de metodologias de Educação Popular, especialmente a metodologia “*Campesinx a Campesinx*”, na qual as comunidades são protagonistas de sua própria revolução e contam com saberes que devem ser comunicados a partir da cotidianidade do campo. Só quem a vive realmente pode compartilhá-la e

socializá-la. Por meio dessa estratégia participativa e da germinação de promotoras e promotores locais, buscamos o empoderamento, a liderança positiva e o reencontro e ressignificação com as identidades camponesas e rurais como motores de mudança coletiva e de resiliência.

Escuelitas Agroecológicas Itinerantes sul-sul. A Biriteca Agroecológica encontrou que a diversidade de dimensões e elementos que integram e conformam a agroecologia permite que se possa compreender e trabalhar com as comunidades a partir de diferentes perspectivas. E que os processos ali desenvolvidos respondam sempre às necessidades, tempos, histórias, contextos, subjetividades e possibilidades de cada lugar ou grupo.

Através das diferentes *escuelitas* agroecológicas, nas quais trabalhamos com grupos de pessoas camponesas, indígenas, mulheres e crianças, aprendemos que os processos em cada comunidade têm seus próprios tempos e dinâmicas. Nosso trabalho deve estar sempre disposto a ouvir e aprender. A agroecologia não é um assunto que diz respeito apenas a comunidades e pessoas camponesas ou a pessoas ligadas à agricultura; e não é, em última análise, uma fórmula ou receita que possamos “explicar e aplicar”; suas múltiplas dimensões possibilitam diversas ações e processos que envolvem elementos particulares de cada população e lugar.

De mãos dadas com isso, neste processo reafirmamos que nem nós nem qualquer outra organização ou instituição é detentora do conhecimento absoluto, e que estamos em um processo constante de aprendizado com as diferentes comunidades. Nosso interesse é coletivizar e fortalecer os diferentes processos comunitários, disponibilizando algumas ferramentas da agroecologia, incluindo elementos técnico-instrumentais, políticos, culturais, ligados a questões organizativas, etc.

Até o momento, a Biriteca conseguiu trabalhar de maneira coletiva com uma distribuição equitativa de tarefas com base nas possibilidades e capacidades de cada uma das integrantes. Isso também foi possível graças à contribuição e trabalho de uma rede importante de colaboradores e pessoas, coletivos ou organizações aliadas.

Em nosso caminho, torna-se evidente a importância de fortalecer esses processos a partir da agroecologia e da coletividade; ao contrário de lógicas antropocêntricas, verticais, tradicionais e mercantilistas a partir das quais muitas instituições ligadas à agricultura e à ruralidade

*Essa experiência
coletiva foi fonte de
inspiração e adubo
para nossas ideias
inconformes que não se
encaixavam na
burocracia
institucional ou na
lógica empresarial que
parecia ser nosso único
destino de trabalho.*

Trabalho com parcelas infantis. Foto: As Biritecas



O que encontramos é um panorama onde os recursos se movem através de grandes organizações e programas mais relacionados com as fake agroecologias, que reproduzem lógicas messiânicas, colonizadoras e dependentes.



têm funcionado. Instituições que inclusive usam a agroecologia como discurso, mas respondem sempre a interesses, propostas, políticas, metodologias e filosofias capitalistas extrativistas. Essas “agroecologias” são denominadas por Valentín Val e Peter M. Rosset como “fake agroecologias”. E concordamos com eles que essas “fake agroecologias” não só não resolvem os graves problemas causados pelo modelo agroindustrial, mas ao reproduzirem seus princípios — ressignificados e mascarados sob um verniz “verde” e “orgânico” —, correm o risco de perpetuá-los.

É importante destacar que neste processo uma das tarefas mais desgastantes que assumimos é a busca constante de apoio governamental, sem que tenhamos recebido até agora uma resposta satisfatória ou uma aliança real; ao contrário, o conhecimento de nossa organização tem sido utilizado a partir de lógicas utilitaristas e demagógicas. Este percurso nos deixa como aprendizado que os processos autogestivos transformadores se desenvolvem, muitas vezes, a partir da marginalidade em relação ao privilégio econômico e à legitimidade que têm essas instituições, corporações, programas, organizações nacionais e internacionais, muitas vezes cooptadas pelo agronegócio e pela mercantilização.

É por isso que um dos dilemas e obstáculos que enfrentamos quando nos posicionamos a partir da agroecologia como proposta crítica, popular, de emancipação e autonomia dos povos, é a busca constante de financiamento e apoio. O que encontramos é um panorama onde os recursos se movem através de grandes organizações e programas mais relacionados a “fake agroecologias”, que reproduzem lógicas messiânicas, colonizadoras e dependentes.

Por isso, elogiamos as alianças, o trabalho voluntário, os esforços individuais e coletivos que viabilizaram processos como as *escuelitas* agrocológicas e, temos certeza, que muitos outros que se desenvolvem em diferentes latitudes do mundo e que agradeceram, assim como nós, a existência, eficácia e significado do trabalho em rede. Definitivamente, a cooperação, a dispersão de poder, a coletividade, a solidariedade, a autonomia têm uma capacidade transformadora radical que desestrutura as formas hegemônicas e possibilita outros modos de ser-estar-pensar-sentir-agir. 🌱

Bibliografia: Valentín Val, Peter Rosset, “Agroecología(s) emancipatoria(s) para un mundo donde florezcan muchas autonomías”. Buenos Aires, Argentina: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales ; San Cristóbal de Las Casas, Chiapas: Cooperativa Editorial Retos; Guadalajara, Jalisco: Cátedra Jorge Alonso: Universidade de Guadalajara, 2022.

Um espaço agroecológico na zona Sul-Sul da Costa Rica



A revista Biodiversidad, sustento y culturas em versão digital, em espanhol, está disponível em:

www.grain.org/biodiversidad e em www.biodiversidadla.org/Revista

A Alianza Biodiversidad também produz Biodiversidad en América Latina:

<http://www.biodiversidadla.org>

A Alianza atualmente é composta por treze organizações e movimentos ativos na região:

GRAIN (<http://www.grain.org>)

REDES - Amigos de la Tierra, Uruguai (<http://www.redes.org.uy>)

Grupo ETC, México (<http://www.etcgroup.org>)

Grupo Semillas, Colômbia (<http://www.semillas.org.co>)

Acción Ecológica, Equador (<http://www.accionecologica.org>)

Campaña Mundial de la Semilla de La Vía Campesina América Latina (<http://www.viacampesina.org>)

CLOC - Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo (<http://www.cloc-viacampesina.net/>)

Acción por la Biodiversidad, Argentina (<http://www.biodiversidadla.org>)

Red de Coordinación en Biodiversidad, Costa Rica (<http://redbiodiversidadcr.info/>)

Centro Ecológico, Brasil (<http://m.centroecologico.org.br/>)

BASE-IS, Paraguai (<http://www.baseis.org.py/>)

Colectivo por la Autonomía - COA, México (<http://colectivocoa.blogspot.com/>)

Asociación Nacional de Fomento a la Agricultura Ecológica (Anafae), Honduras (www.anafae.org e www.redanafae.com)

Sítios temáticos:

<http://www.farmlandgrab.org/> e <http://www.bilaterals.org/>

A Alianza Biodiversidad convida a todas as pessoas interessadas na defesa da biodiversidade nas mãos dos povos e comunidades, a apoiar seu trabalho de articulação. Os fundos arrecadados através das doações se destinarão a fortalecer os circuitos de distribuição da revista *Biodiversidade, sustento e culturas*, assim como sua impressão nos diferentes países em que trabalha a Alianza. Os convidamos a colaborar acessando a página: http://www.biodiversidadla.org/Principal/Secciones/Campanas_y_Acciones/DONAR_-_Alianza_Biodiversidad

Biodiversidade, sustento e culturas é uma revista trimestral (quatro números por ano). A versão eletrônica é distribuída gratuitamente para todas as organizações populares, ONGs, instituições e pessoas interessadas.

Para recebê-la em formato digital, favor enviar um e-mail com sua solicitação para:

Acción por la Biodiversidad

lucia@biodiversidadla.org

